



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RODAS DE CONVERSAS E PRÁTICAS DE LETRAMENTOS COM AS TIC: SABERES, FAZERES E INTERFACES COM A EJA

Amilton Alves de Souza¹; Antonio Amorim²

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este texto pretendeu evidenciar a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação como interface pedagógica por meio de roda de conversas na Escola Municipal Miguel Fontes no Município de Araçás/BA. Apresentamos como problema de pesquisa a busca de resposta para a seguinte questão: Como utilizar as tecnologias da informação e da comunicação como interface pedagógica para influenciar na leitura e escrita dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos? Como objetivo geral da pesquisa, propomos: Analisar como a utilização das TIC como interface pedagógica influencia na leitura e escrita dos sujeitos da EJA. Os objetivos Específicos são: Investigar o nível de compreensão de leitura e escrita dos alunos no laboratório de informática verificando se o mesmo contribuiu com o Projeto de Intervenção “Círculo de Leitura e Escrita na Construção de Saberes”; Identificar se o uso do laboratório contribuiu para ressignificar as práticas didáticas e metodológicas. Acreditamos na perspectiva da pesquisa social, onde todos os sujeitos envolvidos são determinantes na construção do conhecimento. A escolha pelo estudo de caso foi determinante, por este ser uma maneira de pesquisar que exige técnicas e instrumentos na coleta de informações. Este tipo de abordagem requer delimitação, clareza, singularidade e valor. A primeira etapa da pesquisa foi apropriação sobre concepções e histórico da EJA com Barros (2011); Freire (1997); Haddad e Pierro (2000). Para conceituar letramento, leitura e escrita: Cruz (2007); Freire (1994; 1996); Kleiman (1989); Neves (2003). Conceituamos tecnologia, saberes e TIC: Lévy (1996). A segunda etapa estabeleceu a análise das informações a partir dos planos de ensino, Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar, projetos e cadernetas. A última etapa foi à análise das relações entre os conhecimentos buscados na pesquisa junto aos documentos. Como resultados do estudo, destacamos a criação de novos saberes com a utilização da leitura e da escrita, o estudo da leitura e da escrita no universo das classes da EJA e o uso das tecnologias nas classes da EJA. Esperamos que as informações possam subsidiar na construção do projeto de intervenção em outra fase da pesquisa, além de serem divulgados amplamente, para além da escola pesquisada.

Palavras-Chave: EJA; Letramentos; Saberes Sociais; Tecnologia da Informação Comunicação.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) faz parte do processo global de formação e de capacitação popular. Neste sentido, pensar a EJA é refletir a variedade de saberes que cada

¹Aluno do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, pela Universidade do Estado da Bahia. Pedagogo da Rede Municipal de Ensino de Araçás/BA. E-mail: <http://lattes.cnpq.br/9668625884010498>.

² Professor Doutor da Universidade do Estado da Bahia. Professor Titular do Mestrado em Educação de Jovens e Adultos. E-mail: <http://lattes.cnpq.br/9993429400708011>.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

educando possui em função dos trabalhos que fazem ou fizeram, e que, ao procurar uma escola, os jovens e os adultos escolhem o seu desenvolvimento pessoal. Mas, é necessário saber que, em qualquer processo educativo, os jovens e adultos devem ter suas iniciativas nesse saber sensível, porque é através dele que o aluno abre-se para o conhecimento reflexivo.

O aluno da EJA requer uma prática de leitura contextualizada com sua realidade, com suas necessidades, bem com a sua formação. Assim, a finalidade maior deste estudo foi o de contribuir para que o aluno tenha do professor uma prática pedagógica preocupada em formar cidadãos conscientes do seu papel de cidadão detentor de direitos, tendo a Leitura, Escrita e Novas Tecnologias na EJA como instrumentos de empoderamento. Os professores e alunos levantavam uma nova questão em torno das dificuldades dos alunos na leitura e na escrita. Naquele momento, os professores se questionavam como esses alunos iriam para ao ensino médio, com tantas dificuldades, no ato de ler e de escrever. Os professores entendiam que essas habilidades, certamente, não tinham sido ressignificados, consideradas a partir de construção e de experimentação social. Isso permitiria aos alunos não somente se alfabetizarem, mas, serem sujeitos imponderados de letramento.

Nesse contexto, observamos que os alunos expressavam a necessidade de irem mais longe, buscarem outros patamares de aprendizagem. Essa nova discussão ajudou a escola a pensar na elaboração do projeto de ação intitulado “Oficina de Informática, Articulado com a Leitura e a Escrita”, com o intuito de aprimorar o saber trazido pelos alunos com os saberes científicos. Diante dos elementos trazidos acima e da necessidade de uma educação ampla, continuada e ao longo da vida, foi necessário analisar a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação, como sendo uma interface pedagógica para as práticas de leitura e da escrita, no Laboratório de Informática, no ambiente escolar, possibilitando a efetivação de novos saberes.

1. Saberes e fazeres Metodológicos

A partir dos elementos trazidos para reflexão, apresentamos como problema de pesquisa a busca de resposta para a seguinte questão: Como utilizar as novas tecnologias da informação e da comunicação como interface pedagógica para influenciar a construção de novos saberes na leitura e na escrita, dos sujeitos da EJA? Como objetivo geral da pesquisa, propomos analisar a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação como interface pedagógica na Escola Municipal Miguel Fontes no Município de Araçás/BA. Os objetivos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

específicos foram: investigar a questão dos saberes necessários para aprimorar a leitura e a escrita em sala de aula e analisar o uso das tecnologias como sendo uma necessidade para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, nas classes da EJA.

O espaço pesquisado foi à unidade de ensino Miguel Santos Fontes, que foi transformada em 1988 em unidade independente. Já no ano de 2001, a escola passou a atender a alunos da Educação Básica, no Ensino Fundamental I e II. Hoje, a escola oferta exclusivamente à modalidade da Educação de Jovens e Adultos, nos níveis e etapas do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio.

Nossa escolha foi pela pesquisa qualiquantitativa, pois este tipo apresenta também uma possibilidade simultânea de qualidade e de quantidade. Acreditamos na perspectiva da pesquisa social, onde todos os sujeitos envolvidos são determinantes na construção do conhecimento.

A escolha pelo estudo de caso foi determinante, por este ser uma maneira de pesquisar que exige técnicas e instrumentos na coleta de dados, que foram fundantes para o estudo. Este tipo de abordagem requer delimitação, clareza, singularidade e valor. Nas leituras que realizamos na obra de Lüdke; André (1986) nos possibilitou a entender que o estudo de caso possui algumas características elementares a exemplo da: possibilidade do surgimento de novos elementos e de valorização do contexto do local a ser pesquisado.

Como resultados do estudo, destacamos a criação de novos saberes com a utilização da leitura e da escrita, o estudo da leitura e da escrita no universo das classes da EJA e o uso das tecnologias nas classes da EJA, como veremos a seguir.

2. Rodas de conversas sobre a EJA

Neste tópico aprofundamos o nosso foco de pesquisa para relatar melhor as concepções de EJA, da leitura e da escrita. Pois, é necessário pensar em educação no espaço escolar, sendo esta, uma educação instituída, e que sempre será pautada por um processo de “transmissão de saber de uma geração (adulta) para outra (pré-adulta, na infância e na adolescência)” (BARROS, 2011, p. 23). Já temos aqui o conceito de educação e a compreensão do que é educação no espaço escolar, mas, para pensarmos numa concepção de Educação de Jovens e Adultos é imprescindível compreendermos a ideia de adulto que Barros nos apresenta, onde define que adulto é aquele que após a adolescência, deixa de crescer,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

nessa fase da vida. A autora chama de adultez, referindo-se a essa etapa da vida, a partir de algumas categorias sociais, a exemplo da produtiva, reprodutiva, etc.

Não podemos esquecer, que qualquer construção de concepção de adultos, precisa levar em consideração o lugar social, histórico e ideológico que foi ou está sendo construído, pois o conceito precisa ser carregado de uma posição política dos que estão sendo conceituados ou corremos o risco de elaborar um conceito que não dialoga com os esses sujeitos.

Historicamente, desde o período da colônia temos no Brasil práticas de educação de adultos ensinadas pelos jesuítas, a fim de não somente ensinar os conhecimentos bíblicos, mas, também aprender a língua colonizadora. Conforme trata Haddad e Pierro (2000), ainda no império tivemos a primeira construção de uma educação para todos os cidadãos brasileiros, isso não quer dizer que esse direito tenha se efetivado.

De acordo com Haddad e Pierro (2000), no período militar, o Brasil teve diversas ações, atividades e práticas voltadas para combater o analfabetismo, além de instituir programas e campanhas. Tudo procurando garantir uma educação para adultos e jovens pelos mais diversos governos que conduziram esse país. Os autores destacam que, nenhuma dessas ações políticas deu conta de diminuir drasticamente o analfabetismo ou acabá-lo; mesmo tendo o governo, em certo período da história da EJA, atraído os movimentos sociais e populares para ajudar na construção e execução dessas políticas.

Mas, a partir da redemocratização do país passamos a ter, de fato, programas e políticas de EJA pautados pelos movimentos sociais. Fica posto que, ainda não demos conta de combater o analfabetismo e nem garantir a qualidade da EJA para todos, incluindo, principalmente os jovens e os adultos.

Precisamos compreender a educação de jovens e adultos, não como sendo uma educação a parte, mas, como sendo parte de uma concepção de educação, que possibilita a emancipação de seus sujeitos. Porém, é preciso garantir a oferta do ensino da EJA para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir a escolarização, na idade oportuna, possibilitando a aquisição do conhecimento científico articulado com os seus saberes de mundo.

É imprescindível compreender que a ausência de políticas públicas no combate ao analfabetismo, para jovens e adultos, ajuda a manter a exclusão. Isso porque, essa negação de políticas públicas contribui para a não superação das dificuldades sociais e econômicas, bem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como, de oportunidades de vida. Ressaltamos ainda, que os desafios da profissionalização e alfabetização desse público alvo, precisam ser respeitados e garantidos, observando as suas especificidades cotidianas.

Quem faz essa defesa é também Freire (1997), quando alerta para que as necessidades educacionais dos educandos da EJA, estejam pautadas no cotidiano dos mesmos. Neste sentido, o professor e o aluno, juntos, têm a tarefa de construir uma nova prática pedagógica. Por isso, pensamos nas novas tecnologias como sendo uma importante interface de leitura e de escrita na EJA. Isso porque, tanto a leitura quanto a escrita são imprescindíveis no processo de ensino e aprendizagem na educação formal, pois, por meio delas, os sujeitos são capazes de organizar as ideias, além de reter informações, adquirirem saberes necessários para estudar.

3. Saberes e fazeres na EJA na roda de conversa: leitura e a escrita

Precisamos destacar que, o ato de ler e de escrever é uma ação que está para além das compreensões de codificar ou de decodificar determinadas ações numéricas ou escritas. Ou seja, não é somente isso. Há que se pensar na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. Precisamos entender que ensinar ao público a ler e a escrever precisa de significado, de relação com o conhecimento do mundo, para além do ensinar técnicas de ler e de escrever, pois essas categorias precisam ajudar aos sujeitos a se emanciparem. Quando agimos assim, toda a construção da leitura e da escrita se dará sempre, a partir das construções sociais.

É por isso que Freire (1994, p. 98) nos diz que: “[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Ou seja, é preciso valorizar e reconhecer minha construção fora da escola para que minha aprendizagem para o ato de ler e escrever tenha sentido e seja uma construção viva.

Observar esse modelo de concepção de leitura é seguir o pensamento de Cruz (2007, p. 51), que ajuda a compreender a necessidade de efetivar estratégias para o aprimoramento da leitura: “[...] a compreensão transcende a leitura e é realizada graças a processos mentais gerais que são estritamente dependentes da leitura [...]”. Isso quer dizer que as conexões, associações e relações que estabelecemos entre o que foi lido, com as nossas experiências, ajuda na construção e na compreensão do que se ler.

Kleiman (1989, p. 10), afirma que: “Leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

determinados”. Mais uma vez, reafirmamos que a leitura precisa ter significados, e isso só se estabelece, a partir da valorização do conhecimento de mundo dos sujeitos.

Compreendemos que é fundamental ajudar o educando a se apropriar da escrita, pois entendemos que a leitura é mais que uma atividade complexa, visto que ela é sofisticada, além de implicar na cognição em seus diferentes níveis de construção, inclusive os níveis psicológicos dos indivíduos. É preciso afirmar que, a escrita é algo tão “[...] importante na história que, para alguns, só existe história quando existe escrita [...]” (NEVES, 2003, p. 108).

Afirmamos que, a escrita é na verdade um sistema de símbolos, e requer de quem a faz uso, rememorar conhecimentos, transpor o pensamento para o papel ou para o mundo digital. Ela sempre mediará à relação humana, a fim de ser utilizada como uma forma de comunicar. Também podemos afirmar que, a escrita é a representação da língua falada.

Ficou comprovado junto aos alunos e aos professores da EJA que, assim como a leitura, a escrita precisa ser trabalhada na escola, considerando o conhecimento construído na formação social dos sujeitos. No caso dos alunos da EJA, precisamos compreender, por exemplo, “[...] porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidada pelo poder público para discutir (...) a poluição dos riachos e dos córregos etc. porque não discutir com os alunos a realidade concreta?” (FREIRE, 1996, p. 33). Desse modo, a escrita passa a ser prazerosa, pois escrevemos a partir do nosso mundo e da nossa realidade dando significado a essa aprendizagem.

4. Saberes e fazeres com TIC na escola e na sala de aula

Os últimos vinte anos têm sido pautados pelo crescente desenvolvimento das tecnologias, e as transformações sociais que temos vivenciado com a consequência desse desenvolvimento, impacta diretamente na relação do trabalho, da economia, da cultura e da educação. Logo, a escola não pode continuar distante dessa demanda. Tomamos por base o texto de Leite e outros (2012), quando analisa de forma superficial, o histórico da introdução das tecnologias nas escolas do Brasil, a partir da década de 60. Para ele, a introdução das tecnologias era um caminho irreversível nas unidades de ensino, pois era uma demanda de mercado.

Naquela década, o país resolvia incluir em nossas unidades de ensino, a produção tecnológica advinda do processo de industrialização, com o impacto da tecnologia na vida humana. Tinha como objetivo tornar o país um grande produtor e consumidor de bens, e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

passar a ser incluso no mercado mundial, acreditando com isso que teríamos, aí, a fórmula de resolver todos os problemas sociais, com a tecnologia atuando como determinante das mudanças pedagógicas, nas nossas escolas.

O tempo foi passando e chegamos aos anos 80, com o crescimento do processo de industrialização e aperfeiçoamento do uso da tecnologia, o que exigia da sociedade que formasse um “pensamento educacional crítico” (LEITE, 2012, p. 14). Tudo isso, para que o indivíduo pudesse atuar como sendo o sujeito, o centro do seu desenvolvimento, e passasse como sendo um ser integral, que compreende a necessidade de criticar o mundo em que vivia, criando novas possibilidades humanas e materiais.

O nosso estudo revelou junto aos sujeitos pesquisados que as TIC são ferramentas promissoras e fizeram avançar a educação a e escola, nessas últimas décadas. Elas vêm ajudando a quebrar paradigmas sociais e educacionais, possibilitado ao longo dos últimos anos, aos professores e aos alunos a revisarem seus papéis, suas atitudes em prol de uma melhor educação. É por isso que Gadotti nos convida para refletir esses paradigmas, quando trata das tecnologias e das suas implicações na EJA, ressaltando que:

Paulo Freire, há 50 anos, já alertava para esse equívoco [...] hoje isso é ainda mais grave: com o desenvolvimento das novas linguagens e novas tecnologias (celular, computador, TV, vídeos, a internet, as diversas mídias e redes sociais...) há uma nova cultura popular de uso intensivo da comunicação. Os alunos sentem-se desconfortáveis com um currículo centrado no domínio da cultura letrada, não levando em consideração o quanto as novas Tecnologias de Comunicação são necessárias não só na vida diária (pagar uma conta, usar um caixa eletrônico...) mas também no trabalho e no exercício da cidadania (2014, p. 21).

Nessa perspectiva, as TIC tanto na escola como na sala de aula estimularam não somente mudanças de paradigmas, mas, provocaram a escola para repensar os seus currículos e a sua prática pedagógica, introduzindo as TIC nas aulas, como também, relacionando as mesmas com o cotidiano de vida dos sujeitos, fora dos muros da escola.

Precisamos entender e buscar novos saberes e possibilidades, para ressignificar a metodologia e a didática docente, atuando na valorização do conhecimento, já construída pelos alunos na relação com as tecnologias. É evidente que isso também precisa de um cuidado com a formação docente, pois a nova forma de ensinar e de aprender requer a construção de novos saberes profissionais, amadurecer a atuação docente nas instituições de ensino da EJA.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Percebemos que as tecnologias, na sala de aula, não podem continuar a se resumir ao quadro e ao uso do piloto, ou mais recentemente, o uso do Datashow. Precisamos buscar todas as possibilidades de construir uma aprendizagem de interação, por meio das tecnologias, com a valorização do que o aluno já sabe dela. Realmente, não dá mais para pensarmos a EJA, apenas como ensinar a ler e a escrever. É necessário incluir socialmente a sala de aula, a fim de que esta atente para a nova demanda tecnológica, construída e experimentada na vida social. O fato da tecnologia não estar disponível em nossas escolas, faz com que, nós educadores, tenhamos a obrigação de provocar espaços de diálogos sobre o uso e o acesso dessa tecnologia, pois, ela já faz parte das relações e da construção do conhecimento por parte dos educandos da EJA. .

Diante dos achados, foi possível afirmar, que é necessário pensar para além da TIC, em outras tecnologias utilizadas ou trabalhadas no espaço escolar, a exemplo de jogos, atividades culturais, experiências com a produção de materiais manipuláveis e produtos caseiros. Precisamos entender que o simples fato de trabalhar com as tecnologias na sala de aula, não garante qualidade e um ensino promissor, as tecnologias precisam ocupar um espaço de inclusão, levando os nossos sujeitos a utilizá-las para realizar a criticidade de sua realidade, podendo construir novas formas de se vê e de perceber o mundo da informação e da comunicação, que está em permanente reconstrução.

Portanto, devemos afirmar que a escola não tem outra saída, a não ser, refazer alguns caminhos didáticos e metodológicos, sendo que, para que isso possa ocorrer, é preciso discutir com os membros da instituição uma nova concepção de escola e de sujeitos, verificando quais são as suas demandas, permitindo ressignificar seu currículo, PPP e a formação de seus atores curriculares. Isso permitirá a construção de outras maneiras de ensinar e de aprender. Entendemos que tudo isso, foi para ontem, pois os sujeitos que atuam nas classes da EJA, assim como todos os educandos das nossas escolas, precisam da construção de saberes que promovam a solidariedade, a criatividade e a humanização de cada pessoa.

Considerações Finais

Com esse estudo, compreendemos que o Projeto de pesquisa se constituiu como sendo um suporte à melhoria na elevação da qualidade da leitura e da escrita, nas turmas EJA da Escola Municipal Miguel Santos Fontes. Afirmamos isso, porque deu para perceber junto



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aos membros pesquisados que, o PPP e a atuação no laboratório apresentam características de conectividade, interface hiper-textual, por meio de navegação e por integrar um mesmo espaço multirreferencial de aprendizagem, diversos caminhos didáticos e metodológicos, além de outros recursos hipermidiáticos.

Dessa maneira, foi imprescindível compreender que o nosso trabalho possibilitou o surgimento de novos saberes, que deve fortalecer o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos da EJA. Portanto, foi possível revelar o surgimento de múltiplas mídias e de caminhos didáticos, sendo que, o projeto pode propiciar o surgimento de uma nova forma de mediação pedagógica, desde que haja a participação ativa do educando, a partir de interações, da produção colaborativa e da socialização do conhecimento.

Ressaltemos, então, que além dos suportes tecnológicos, para haver a mediação pedagógica e a efetivação de bons resultados, é preciso estabelecer uma identificação entre o educador e o educando, de modo a construir a interação, observando a realidade em foco.

Apontamos ainda a necessidade de ampliação desta pesquisa, para podermos repensar a formação continuada dos professores e dos alunos, utilizando o laboratório. Há que se repensar a metodologia e os caminhos didáticos, recriando os instrumentos de avaliação qualitativa e de diagnóstico. Tudo isso, para que possamos avaliar, de forma coesa, a melhoria da leitura e da escrita dos alunos.

Por fim, esperamos poder recomendar que o projeto sirva como caminho didático para melhoria da leitura e escrita nas escolas que possuem EJA no município, sendo fundamental trabalhar para a realização de ações pedagógicas, que estejam direcionadas para que o Laboratório de Informática seja explorado de forma educativa, visando produzir contribuições objetivas, promovendo a qualidade do processo educacional.

Referência

BARROS, Rosanna. **Genealogia dos conceitos em educação de adultos: Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida – Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional.** Lisboa: Chiado Editora, 2011.

CRUZ, V. **Uma abordagem cognitiva da leitura.** Lousã: LIDEL – Edições Técnicas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

_____. **A importância do ato de ler**, em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**, 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Como manter motivados os educandos da EJA. In: _____. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. São Paulo: Moderna/Fundação Santillana. 2014 Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/fie/fieDownload.jsp?fileId=8A8A8A8246FB74BF0146FC10A8A14E0E>>. Acesso em: 15/01/2015.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Mai-ago, 2000b, nº 14, pp.108-130. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe14/07-artigo6.pdf>>. Acesso em: 23 Out. 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 7. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 1. ed. 8 reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

NEVES, Iara. **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.